

MULHERES SURDAS NA CIÊNCIA: NECESSÁRIA VISIBILIDADE

Deaf women in science: necessary visibility



Luciane Cruz Silveira¹



Angela Corrêa Ferreira Baalbaki²



¹ Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; lucianacruz72@hotmail.com

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ; Rio de Janeiro, RJ, Brasil; angelabalbaki@hotmail.com

RESUMO

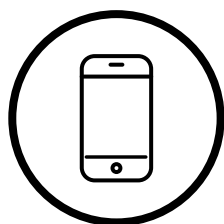
O presente artigo tem como objetivo dar visibilidade às mulheres surdas cientistas. Com efeito, pretendeu-se apresentar brevemente a história da vida acadêmica de quatro mulheres surdas, a saber, uma astrônoma estadunidense, nascida no século XIX, e três pesquisadoras brasileiras. Consideramos ser relevante este tipo de levantamento como uma forma de valorização destas mulheres no âmbito acadêmico, espaço ainda fortemente marcado pelo sexismo.

Palavras-chave: Mulheres surdas; Ciência; Visibilidade.

ABSTRACT

This article aims to give visibility to deaf women scientists. In fact, the aim was to briefly present the history of the academic lives of four deaf women, namely, an American astronomer, born in the 19th century, and three Brazilian researchers. We consider this type of survey to be relevant as a way of valuing these women in the academic sphere, a space still strongly marked by sexism.

Keywords: Deaf women; Science; Visibility.



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK**

https://youtu.be/UNZ6Uw6_d5A



Maria Sem-Vergonha

De ser mulher já são tantas, milhares, uma verdadeira
rama, florescendo por todo o planeta lilás
são Maria-sem-vergonha de ser mulher.

Não são só florinhas.

São mulheres se agrupando,
misturando suas cores, gritando seus encantos,
exibindo suas verdades.

São domésticas, bailarinas, artistas,
médicas, estudantes, bancárias,
professoras, escritoras, garis,
brancas, negras, índias,
meninas... agricultoras...

São sem-vergonha de lutar,
acreditar, denunciar, exigir, reivindicar, sonhar...

São Maria-sem-vergonha de dizer
que ainda falta trabalho, salário digno, respeito...

Que ainda são vítimas da violência,
da porrada, do assédio, do estupro, do aborto,
da prostituição, da falta de assistência...

São Maria-sem-vergonha de se indignar



diante do preconceito, da escravidão, da injustiça,
da discriminação de seus cabelos pixaim
e da sua pele negra...
São Maria-sem-vergonha de brigar
por creches, educação, saúde, moradia, terra e comida,
meio ambiente, pelo direito de ter ou não filhos...
São Maria-sem-vergonha de ficar bonita,
pintar a boca e da sua boca soltar um beijo
que não vem da boca, mas de seu ser inteiro,
indivisível, solidário...
São Maria-sem-vergonha de dizer não,
de buscar alegria, prazer...
Sem vergonha de se cuidar,
de usar camisinha e de se apaixonar.
Atrevidas...
Maria-sem-vergonha de decidir,
fazer política, escolher e ser escolhida.
São essas sem-vergonha
que a cada tempo mudam a história.
Conquistam direitos;
Dão vida;
Geram outras vidas...
Insistentemente, desavergonhadamente
vão tecendo de cor a beleza,
o desbotado das relações humanas.
Sem medo, sem disfarce, sem vergonha de ser feliz
vão parindo com dores e delícias um novo mundo
para mulheres e homens. Um novo mundo
pra comunidade dos seres humanos, plantas e animais.

Cândida Najjar

Introdução

Abrir um artigo com um poema intitulado “Maria Sem-Vergonha” nos remete a uma planta encontrada em vários jardins. Com uma diversidade enorme de cores de suas flores, seu cultivo é fácil: basta que um pequeno galho mantenha contato com terra úmida para que raízes cresçam e uma nova planta se desenvolva. Com um ciclo de vida perene e com floração que dura todo ano, suas lindas flores de pétalas simples ou dobradas desabrocham e colorem canteiros.

Falar em “Marias Sem-vergonha” é falar de mulheres que fazem crescer novas possibilidades em terrenos pouco férteis onde o machismo e o sexismo estão enraizados. São mulheres que unidas lutam por seus ideais e objetivos. Mulheres que se espriam para conquistar novos rumos. Mulheres que são desde domésticas, bailarinas, artistas e até



cientistas. Mulheres brancas, negras, índias e surdas. Um canteiro de lutas intermináveis na busca por ocupar espaços sociais variados, que pode passar pela produção de conhecimento científico (terreno, em grande medida, ainda rochoso para mulheres).

Nos últimos anos, no deparamos com enunciados³ como esses “CNPq lança edital para apoiar formação de mulheres em ciências exatas” (Agência Brasil, 2024⁴); “CAPES participa de seminário sobre mulheres na ciência”⁵; “Levantamento da Capes mostra que mulheres enfrentam sexismo na ciência” (Correio Braziliense, 2023⁶) que circulam na mídia (jornais digitais e outras plataformas de informação). Enunciados que evidenciam a falta de espaço das mulheres nas ciências, sobretudo, nas exatas e tecnológicas.

Se dentro da produção de conhecimento é notável a falta de equidade entre homens e mulheres, quando se fala de mulheres surdas essa disparidade é ainda maior. O objetivo deste artigo é pôr em causa uma demanda ainda pouco discutida e apreciada no âmbito acadêmico brasileiro: dar visibilidade às pesquisadoras surdas em seus campos de atuação científica.

Neste contexto, propomos apresentar um levantamento feito a respeito de mulheres surdas na(s) ciência(s). Na primeira parte do artigo, traremos um breve comentário acerca da astrônoma surda estadunidense Annie Jump Cannon. Posteriormente, apresentaremos uma verificação feita no Brasil. Nessa parte, listamos as pesquisadoras surdas que produzem ciência em nosso país. Cabe ressaltar que, em geral, são doutoras nas áreas de Linguística e Educação. Dada a impossibilidade de relatar a história de quase sessenta mulheres surdas em um único artigo, trazemos à baila um pouco da vida acadêmica de três pesquisadoras: Gladis Perlin, Sílvia Andreis Witkoski e Marianne Stumpf.

Pretendemos, portanto, que este texto seja um ponto de ancoragem que permita refletir e discutir “a relação da mulher surda no campo de Estudos Surdos que pode se cruzar com a história cultural do campo dos Estudos da Mulher” (Stelmacki, 2021, p. 8). Por fim, destacamos que quase todas as imagens inseridas no texto foram (re)produzidas utilizando a cor lilás, já que a coloração representa a luta do feminismo.

1 Mulher surda na ciência fora do Brasil

Esta seção pretende apresentar algumas observações a respeito de uma astrônoma surda estadunidense.

³ Tratam-se de títulos de notícias jornalísticas.

⁴ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-03/cnpq-lanca-edital-para-apoiar-formacao-de-mulheres-em-ciencias-exatas>. Acesso em 18 abril 2024.

⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/capes-participa-de-seminario-sobre-mulheres-na-ciencia>. Acesso em: 18 abril 2024.

⁶ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/ensino-superior/2023/04/5084651-levantamento-da-capes-mostra-que-mulheres-enfrentam-sexismo-na-ciencia.html>. Acesso e: 18 abril 2024.



Figura 1: Annie Jump Cannon



Fonte: as autoras, 2024.

Annie Jump Cannon (1863 - 1941) estudou física no Wellesley College, uma instituição para mulheres, no período de 1880 a 1884. Durante a faculdade Cannon perdeu a maior parte de sua audição acometida por escarlatina. Desenvolveu interesse na fotografia, aprofundando seus estudos nessa área e suas habilidades a possibilitaram viajar para Europa. Anos depois, com a perda de sua mãe, Cannon volta para Wellesley para dar aulas de física e começou a desenvolver interesse por astronomia, quando começou a estudar no Radcliffe College e lhe foi oferecido um estágio não remunerado no Observatório de Harvard onde Edward Charles Pickering a contratou como uma de suas assistentes em 1896. Cannon foi a primeira assistente mulher a fazer observações astronômicas no Observatório. Segundo Kruit (2021), em 1907, Cannon concluiu seu mestrado em astronomia no Wellesley College e se tornou membro do grupo de mulheres especialistas em cálculo⁷ de Harvard contratadas por Pickering.

Em relação à catalogação das estrelas, historicamente, registra-se que foi o trabalho do padre Angelo Secchi que começou a classificação estelar no Observatório do Vaticano em 1860, examinando milhares de estrelas e dividindo-as em cinco classes, entre elas as classes I, II e III que são utilizadas até o presente. Atualmente, é utilizado o esquema do Catálogo de Henry Draper, que foi um médico e astrônomo amador. Draper conseguiu registrar a primeira fotografia de um espectro estelar em seu observatório particular. Após sua morte, sua viúva

⁷ Grupo de mulheres que ficou conhecido, ainda no início do século XX, como as “Calculadoras de Harvard” já que computavam dados gerados no Observatório daquela instituição de ensino.

criou o Henry Draper Memorial Fund, financiando o trabalho espectroscópico de Pickering em Harvard, onde obteve centenas de espectros fotográficos de estrelas classificadas por Williamina Fleming em um novo esquema de classificação, dividindo as do tipo I de Secchi em tipos mais específicos de A a D, o tipo II em E a L e tipo III em M e introduzindo o novo tipo O.

Em 1890, o resultado foi publicado como *The Draper Catalogue of Stellar Spectra*. Cannon aprimorou o catálogo e definiu uma sequência que se tornou universalmente utilizada, refletindo uma sequência de temperaturas efetivas decrescentes, respectivamente: O, B, A, F, G, K, M, cada uma subdividida em dez subtipos. Conforme afirma Kruit (20221), há relatos de que Cannon conseguiu classificar 200 estrelas por hora no que resultou em cerca de 250.000 estrelas catalogadas no *Henry Draper Catalogue*, publicado por Cannon e Pickering nos volumes 91 à 99 dos Anais de Harvard entre 1918 e 1924.

Figura 2: Annie Jump Cannon em sua mesa no Harvard College Observatory.



Fonte: as autoras, 2024.

Ilustração da Annie Jump Cannon busca representar seu processo de catalogação de estrelas em Harvard, utilizando um método desenvolvido por ela mesma. De acordo Kruit (2021), com os primeiros espectros de estrelas coletados, foi possível constatar em um breve espaço de tempo sua grande variedade, iniciando um esquema de classificação para ordenar suas características.

Annie Cannon tinha título de mestre em Wellesley College, mas não apresentou uma tese de doutorado, porém recebeu doutorados honorários da Universidade de Groningen

(Holanda), em 1921, e da Universidade de Oxford (Inglaterra), em 1925, com honra especial. No mesmo ano, recebeu o título honorífico *Alma Mater do Wellesley College*, onde foi aluna e professora.

A seguir, inserimos a carta⁸ enviada por Jacobus Cornelius Kapteyn, astrônomo holandês da universidade de Groningen, para Annie Cannon parabenizando-a pela concessão do título de doutorado *Honoris causa*:

Figura 3: Carta enviada a Annie Cannon



Fonte: as autoras, 2024.

Além dos doutorados *h. c.*, a cientista foi nomeada e premiada com a Medalha Henry Draper da Academia Nacional de Ciências e deu vida ao Prêmio Annie Jump Cannon em Astronomia pela Sociedade Astronômica Americana concedido para uma mulher que tenha realizado contribuição relevante para a astronomia nos cinco anos subsequentes ao seu doutorado (Kruit, 2021).

2 Mulheres surdas na ciência no Brasil

Gladis Perlin foi a primeira mulher surda a obter título de doutorado no Brasil. Além dela, existem cinquenta e oito mulheres doutoras surdas em nosso país, como podemos observar

⁸ “Prezada Srta. Cannon, Deixe-me ser o primeiro a parabenizá-la pela merecida homenagem que lhe foi conferida pela Universidade de Groningen. Pelo que sei, você e Schwarzschild são as únicas pessoas a quem foi concedido o doutorado em Matemática e Astronomia ‘honoris causa’. Espero que você encontre nesta homenagem pelo menos algum pequeno retorno para um trabalho que mesmo na Astronomia dificilmente tem paralelo, um trabalho que é tão urgentemente exigido para o progresso futuro da ciência e que lhe renderá a gratidão de todos que tentam penetrar um pouco mais nos mistérios do Universo estelar. Atenciosamente, J. C. Kapteyn (Kruit, 2021, p. 24- tradução livre).

no quadro abaixo:

Nome	Ano	Nome	Ano	Nome	Ano
Ana Luiza Paganelli Caldas	2021	Fernanda de Araújo Machado	2017	Marcia Dias Lima	2024
Ana Regina e Souza Campello	2008	Fernanda Grazielle Aparecida Soares de Castro	2021	Marisa Dias Lima	2018
Betty Lopes L'Astorina de Andrade	2019	Flaviane Reis	2015	Michelle Andréa Murta	2022
Bianca Ribeiro Pontin	2021	Francielle Cantarelli Martins	2018	Miriam Royer	2023
Bruna da Silva Branco	2023	Geisielen Santana Valsechi	2020	Nayara de Almeida Adriano	2018
Bruna Fagundes Antunes Alberton	2021	Gisele Maciel Monteiro Rangel	2016	Patrícia Luiza Ferreira Rezende-Curione	2010
Camila Guedes Guerra	2019	Gisele Pereira Gama Garcia	2024	Priscilla Fonseca Cavalcante	2024
Carilissa Dall'Alba	2020	Heloise Gripp Diniz	2023	Renata Rodrigues de Oliveira Garcia	2019
Carla Damasceno de Moraes	2016	Janaína Pereira Claudio	2016	Renata Ohlson Heinzelmann Bosse	2021
Carolina Comerlato Sperb	2017	Karin Lilian Strobel	2008	Roberta Savedra Schiaffino,	2016
Carolina Ferreira Pêgo	2021	Kátia Lucy Pinheiro	2020	Sílvia Andreis-Witkoski	2011
Carolina Hessel Silveira	2015	Keli Krause	2022	Sylvia Lia Grespan Neves	2022
Carolina Silva Resende da Nóbrega	2017	Keyla Maria Santana da Silva	2023	Simone Gonçalves de Lima Silva	2016
Daniela Prometi Ribeiro	2020	Larissa Silva Rebouças	2020	Thaís Fleury Avelar	2020
Daniele Miki Fujikawa Bózoli	2021	Luciane Cruz Silveira	2022	Tatiane Monteiro da Cruz	2022
Débora Campos Wanderley	2017	Luciane Rangel Rodrigues	2023	Tathianna Prado Dawes	2021
Eliane Francisca Alves da Silva Ochiuto	2022	Mariana de Lima Isaac Leandro Campos	2015	Telma Rosa de Andrade	2023
Eliane Telles Bruim Vieira	2022	Marianne Rossi Stumpf	2005	Teresa Cristina Leança Soares Alves	2023
Emiliana Faria Rosa	2013	Marília Ignatius Nogueira Carneiro	2021	Vanessa Lima Vidal	2023

Fonte: as autoras, 2024.



Como já anunciamos, a pioneira a alcançar esse título se chama Gladis Perlin⁹, graduada em teologia, mestre e doutora em educação. Suas pesquisas na área da educação de surdos abordam temas como diferença, alteridade e identidade surda, defende que existe cultura, história e arte de povos surdos advindas de sujeitos surdos.

Figura 4: Gladis Perlin



Gladis Perlin nasceu no Rio Grande do Sul e perdeu a audição aos 8 anos de idade devido à meningite. Quando vivia na zona rural do seu estado, conviveu mais com ouvintes do que com surdos. Contudo, ao se mudar para a capital, Porto Alegre, foi levada para um mosteiro, onde passou a conviver com outros surdos e iniciar sua trajetória participando da comunidade surda. Se formou em teologia, em 1987, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Mestre em educação, em 1998, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Doutora em educação, no ano de 2003, também pela UFRGS. Perlin era professora associada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), instituição na qual trabalhou até sua aposentadoria.

Figura 5: Livro “Um olhar sobre nós surdos”



⁹ Endereço para acessar o Curriculum Vitae da pesquisadora: <http://lattes.cnpq.br/9965241502111110>

Suas pesquisas têm mais enfoque em estudos surdos e educação bilíngue de surdos voltados para o ensino da língua, cultura e identidade surda. Publicou diversos artigos e livros sobre tais temáticas e, em parceria com Marianne Stumpf, publicaram os livros “Um olhar sobre nós surdos” e “Estudos Surdos” (volume II).

No Brasil, apenas dez mulheres surdas¹⁰ alcançaram o título de pós-doutorado. A primeira a conquistá-lo se chama Sílvia Andreis Witkoski¹¹. É doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 2011. Em seguida, concluiu o estágio de Pós-doutorado, em 2012, também em Educação pela UFPR. Possui mestrado em medicina, em 2002, pela UFRGS e graduação em educação artística, em 1995, também pela UFRGS. Atualmente, é professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Sua tese de doutorado “Educação de surdos e preconceito” é uma pesquisa de muita importância na área da educação de surdos.

Figura 6: Sílvia Andreis Witkoski



Sílvia Andreis Witkoski levou a vida como ouvinte até os 35 anos, quando perdeu a audição. Ela defende que o caminho da educação de surdos é uma educação bilíngue de qualidade, um direito garantido por lei, onde as escolas devem ensinar a Libras como a L1 dos surdos e o português na modalidade escrita como L2. Destaca também a importância da qualificação do professor, fluência em Libras e compreensão da construção de identidades variadas dos sujeitos surdos, respeitando e valorizando as diferenças, os professores precisam estar preparados para receber alunos surdos muito diferentes uns dos outros.

Publicou diversos artigos e livros na área da educação de surdos como Introdução à

¹⁰ As outras dez mulheres surdas com o título de pós-doutorado são: Marianne Rossi Stumpf, Gladis Teresinha Taschetto Perlin, Emiliana Faria Rosa, Patrícia Luiza Ferreira Rezende-Curione, Carla Damasceno de Moraes, Aparecida de Almeida Araujo, Kátia Lucy Pinheiro, Francielle Cantarelli Martins e Ana Regina e Souza Campello.

¹¹ Endereço para acessar o Curriculum Vitae da pesquisadora: <http://lattes.cnpq.br/7927761622443244>

Libras: Língua, História e Cultura e Educação de Surdos e Preconceito. Também é escritora e ilustradora de livros para crianças, dos quais publicou: *Brincando com Portinari* (2006), *O galo apaixonado* (2006), *Educação de Surdos pelos próprios surdos: uma questão de direitos* (2012), *Educação de surdos e preconceito* (2012), *Ser surda: História de uma vida para muitas vidas* (2013), *Aventuras na Ilha da Mel* (2015), *A ararinha e o quati* (2021), *Natal em Natal* (2022), *O Lobo sumiu* (2023) e *As aventuras de aninha no parque* (2023).

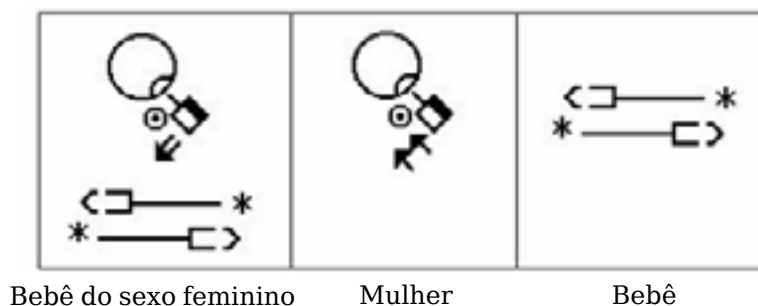
Por sua vez, Marianne Rossi Stumpf foi a primeira mulher surda a publicar uma pesquisa sobre a escrita de sinais no Brasil. Sua tese de doutorado defendida, em 2005, com o título “Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: línguas de sinais no papel e no computador”. Em 2006, a tese foi premiada pela CAPES¹².

Figura 7: Marianne Rossi Stumpf



Vale ressaltar que o SignWriting é um sistema de escrita de língua de sinais. Abaixo, inserimos um exemplo retirado de sua tese.

Figura 8: escrita de língua de sinais



Fonte: STUMPF, 2005, p. 65.

Stumpf¹³ possui graduação em tecnologia de informática pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) no ano de 2000 e graduação em Educação de Surdos pela Universidade

¹² Link: Teses premiadas em 2006 — CAPES (www.gov.br)

¹³ Endereço para acessar o Curriculum Vitae da pesquisadora: <http://lattes.cnpq.br/4624844037162346>

de Santa Cruz do Sul (UNISC), em 2004. Possui doutorado em Informática na Educação pela UFRGS e pós-doutorado na Universidade Católica Portuguesa (UCP), em 2013 e 2014. Atualmente, é professora associada e professora do Programa de Pós-Graduação em linguística da UFSC. É também vice-diretora do Centro de Comunicação e Expressão (CCE). Indubitavelmente, é uma referência no ensino da Libras como L1 para alunos da Educação Básica como educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior.

Valerie Sutton, a desenvolvedora da SignWriting, em 1974, foi a grande inspiração para Marianne Stumpf trazer o tema da escrita de sinais para o Brasil e fazer as adaptações necessárias para a realidade da Língua Brasileira de Sinais. A escrita de sinais é uma importante forma de registro de sinais de qualquer língua de sinais do mundo. Trata-se de um conjunto de símbolos que representam o sinal em sua forma escrita. Dessa forma, sujeitos surdos podem escrever em sua própria língua, já que alguns têm dificuldade de escrever em português (no caso do Brasil) que é sua segunda língua, pois na escrita de sinais utilizam-se um sistema notacional com símbolos próprios para representar, por exemplo, os sinais da Libras.

Sabemos que os surdos encontram muitas barreiras linguísticas e a escrita de sinais é uma possibilidade para amenizar essas barreiras, já que é um modelo de escrita que registra a Libras. Dessa forma, permite-se aos surdos se expressarem através de textos, trazendo uma sensação de pertencimento aos mesmos.

Shirley Vilhalva¹⁴ foi a primeira mulher surda pesquisadora da língua indígena de sinais, língua utilizada como meio de expressão e comunicação por surdos indígenas. Nasceu em Campo Grande - Mato Grosso do Sul no ano de 1964, tem graduação em pedagogia e atualmente é professora universitária na UFMS, escritora, poeta, participa ativamente da comunidade surda e tem diversos projetos de pesquisa relacionados à cultura surda. Publicou um livro chamado “Despertar do silêncio” em 2004 onde aborda os desafios e conquistas de surdos no Brasil. Possui mestrado em Linguística pela UFSC e sua dissertação publicada em 2009 tem o título “Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul” e atualmente é doutoranda em Linguística Aplicada na Unicamp.

Figura 9: Shirley Vilhalva



¹⁴ Endereço para acessar o Curriculum Vitae da pesquisadora: <http://lattes.cnpq.br/8608168347538654>

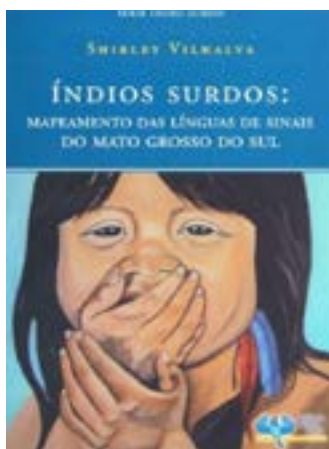
Vilhalva (2024, p.52) narra suas experiências para divulgar novas pesquisas no âmbito das línguas de sinais, a fim de contribuir para a acessibilidade linguística de surdos em espaços sociais e turísticos especialmente no Bioparque Pantanal, com amparo da Lei 10.436/02, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão e a Lei Municipal 1.538/23¹⁵ do município de Miranda - MS, que reconhece como línguas co-oficiais a Língua Terena, a Libras, a Língua Terena de Sinais (LTS) e a Língua Kinikinau, que garante a equidade e igualdade na política linguística municipal.

Figura 10: Projeto Acessibilidade para surdos



O projeto visa o atendimento de pessoas surdas no turismo e utilizando recursos de Tecnologias Assistivas no Bioparque Pantanal voltadas para inclusão e acessibilidade linguística nas línguas de sinais. A equipe que colabora com a pesquisa não tem fluência em línguas de sinais, mas estão dispostas a sair do seu conforto linguístico. Conhecido como Aquário do Pantanal, o Bioparque Pantanal foi criado para ser o maior aquário de água doce do mundo em 2011 e Vilhalva busca em seu projeto a ictiolinguística em línguas de sinais, com a criação de sinais para os peixes presentes no aquário considerando aspectos interculturais de diferentes comunidades surdas, da Libras e da Língua Indígena de Sinais (Vilhalva, 2024).

Figura 11: Livro publicado em 2012, tem o título: Índios Surdos: Mapeamento das Línguas de Sinais do Mato Grosso do Sul.



¹⁵ <https://www.diariooficialms.com.br/media/84426/627---11-04-2023.pdf>

Em seu livro *“Índios Surdos: Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul”* Vilhalva aborda um tema muito importante voltado para a comunidade linguística indígena do MS e que é riquíssimo em coleta de dados e registros da língua de sinais indígena que possuem sinais emergentes, de contexto familiar, mais especificamente da cidade de Dourados - MS. Vilhalva realizou a coleta de dados na comunidade escolar indígena e identificou uma cultura própria dos surdos indígenas e as especificidades de sua língua de sinais. Foi identificado que a comunicação na família acontecia de forma natural, o acesso às informações era pleno para essa comunidade e os sinais emergentes eram expressados de forma muito visual e o registro desses sinais que a famílias utilizavam para se comunicarem com seus filhos surdos é de grande importância e uma forma de assegurar sua cultura linguística e política linguística. (Vilhalva, 2012).

É pesquisadora na UFMS e em colaboração com diversas universidades possui projetos como Línguas de Sinais Indígenas (LIS) e Libras com foco no ensino superior e em contextos de educação indígena para surdos. Shirley Vilhalva se destaca por ser a primeira Ictiolinguística em Línguas de Sinais no Brasil atuando como pesquisadora no Bioparque Pantanal em Campo Grande - MS. Homenageia personalidades e instituições relevantes na história da educação de Campo Grande - MS, Vilhalva foi reconhecida pelos serviços prestados à Educação Especial, por ser a responsável a introduzir a Libras no âmbito da educação em seu estado e contribuição para a melhoria da comunidade surda. (Vilhalva, 2024).

Considerações finais

Voltando às quatro mulheres surdas, podemos retomar suas contribuições. Devemos sublinhar que consideramos que “o reconhecimento da presença, da resistência e da importância das mulheres surdas” (Stelmacki, 2021, p.3) na(s) ciência(s) é um tema que precisa ser discutido no interior da própria universidade, principal locus de produção de conhecimento em nosso país.

Cannon colaborou não só para as pesquisas em astronomia, mas também para que mulheres fossem respeitadas e aceitas na comunidade científica internacional. Seu percurso na ciência ajudou a lajear o caminho de outras. Que outras tantas mulheres surdas possam não só registrar e classificar estrelas, mas que elas próprias sejam as estrelas de seus caminhos.

A história de Gladis Perlin tem muita importância para a comunidade surda, com o marco de ter sido a primeira surda doutora. Tornou-se referência para muitas meninas e mulheres surdas que, a partir de sua conquista, motivou e abriu portas para que outras surdas alcançassem o título de doutorado. Perlin merece todas as homenagens por sua história, trajetória e luta.

Sílvia Andreis Witkoski é uma mulher que lutou muito, por mais que tenha perdido a audição já na fase adulta, escolheu por não se deixar abalar e seguiu o caminho, defendendo e publicando estudos na área da educação de surdos. Tornou-se a primeira pós-doutora surda. É reconhecida por seus esforços e conquistas, servindo de referência para muitas mulheres surdas capazes de se reinventar e defender suas convicções.

Stumpf foi a primeira mulher surda a abordar a temática no Brasil e teve sua tese premiada, mulher empoderada, símbolo de representatividade e têm sua importância na história da comunidade surda.

Shirley Vilhalva foi a primeira mulher surda pesquisadora da língua indígena de sinais e militante ativa da comunidade surda indígena no Brasil, uma das líderes do Mato Grosso do Sul divulgando amplamente informações dessa área e participa de movimentos pela causa, chegando a conquistas na criação de lei municipal em seu estado com o reconhecimento da Libras e a LIS. Seu trabalho de coleta de dados garante também o reconhecimento da

comunidade surda indígena que tem sua subjetividade no modo de expressão e cultura. Vilhalva trouxe visibilidade não só para a comunidade surda como para a comunidade surda indígena de seu estado e deu o pontapé inicial dessa trajetória que servirá de inspiração para tantas meninas e mulheres surdas que seguirão seus passos e darão continuidade nesse trabalho de grande relevância.

Promover a visibilidade da história das primeiras mulheres surdas a conquistarem títulos acadêmicos foi o objetivo deste artigo. Gladis Perlin, Sílvia Andreis Witkoski e Marianne Stumpf foram as primeiras mulheres surdas no Brasil a conquistarem os títulos de doutorado e pós-doutorado, respectivamente, e por isso merecem seu reconhecimento na comunidade acadêmica por suas pesquisas científicas e por destacar a importância da educação de surdos de qualidade no Brasil.

Seguramente, dar destaque a essas pesquisadoras surdas é uma forma de abrir novos rumos para mulheres surdas que almejam adentrar no mundo da(s) ciência(s). E se tornarem, a seu modo, outras tantas “Marias Sem-Vergonha”.

REFERÊNCIAS

KRUIT, Pieter C. van der. Karl Schwarzschild, Annie J. Cannon and Cornelis Easton: PhDs honoris causa of Jacobus C. Kapteyn. Kapteyn Astronomical Institute, University of Groningen, 2021. Disponível em: <http://arxiv.org/abs/2105.01507>. Acesso em: 20 abril 2024.

STELMACKI, Angela de Fátima Girardi. Mulheres surdas brasileiras registradas na história. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em LETRAS PORTUGUÊS - LIBRAS) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

STUMPF, Marianne Rossi. Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: língua de sinais no papel e no computador 2005. 330f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Estudos Interdisciplinares, Curso de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

VILHALVA, Shirley. Mapeamento das Línguas de Sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul. ESPAÇO (RIO DE JANEIRO. 1990), n. 38, p. 89-90, 2012.

VILHALVA, Shirley. Relato de experiência de pesquisadora surda em ictiolinguística no bioparque pantanal de mato grosso do sul Libras: estudos linguísticos, formação docente e de intérprete, inclusão e acessibilidade. [E-book]. / Organizadoras: Rosana de Fátima Janes Constâncio.